

**Juventude, mal-estar e esperança:
uma leitura psicanalítica coletiva**

Observatório FAPOL 2026

Leitores

Marcela Almanza (NEL – México)

Patricia Moraga (EOL – Buenos Aires)

Marcelo Veras (EBP – Salvador)

Participantes

Clarisse Boechat (Brasil) · Lucas Botero (Colômbia)

Cinthia Buzato (Brasil) · Camila Candiotti (Argentina)

Antonela Garbet (Argentina) · Belén Mac Donnell (Argentina)

Ramón Ochoa (Venezuela) · Álvaro Rendón (Equador)

Pablo Requena (Argentina) · Pablo Reyes (Chile)

Nelson Matheus Silva (Brasil) · Mariana Vidigal (Brasil)

Introdução

Em 1972, Lacan dirigiu-se ao seu público em Milão com uma frase que ainda interpela o analista: “*Nos jovens, deposito minha esperança*”. Essa frase poderia soar como um gesto retórico de simpatia geracional, mas algo mais ressoa em Lacan: se o discurso analítico tivesse tomado corpo, os jovens saberiam melhor o que fazer - inclusive para fazer a revolução. A esperança depositada nos jovens não é, portanto, uma aposta sentimental no futuro, mas sim uma aposta no discurso analítico, a de que ainda se encontre na juventude uma “*placa sensível*” capaz de recebê-lo, como enfatiza Christiane Alberti.

Nosso grupo de analistas, reunidos no Observatório da FAPOL 2026 sob o tema “*Juventude: mal-estar e esperança*”, propõe suas reflexões a partir dessa frase e do produtivo mal-estar que ela provoca. Partimos de uma constatação compartilhada: hoje os jovens chegam às análises - quando chegam - atravessados por sofrimentos que desafiam os instrumentos diagnósticos e as categorias clínicas herdadas: suicídio, violência, desafios digitais de auto-mutilação, recrutamento para o crime organizado, isolamento hiperconectado. Nesse contexto, o mal-estar não é abstrato, tem uma direção: o corpo sob o olhar do outro.

Sociólogos, neurocientistas e gestores de políticas públicas tentam explicar esse mal-estar com suas próprias ferramentas. A pergunta que orienta nosso texto é mais exigente: o que resta de esperança nesses jovens, como reconhecer seus sinais, e como dirigir um tratamento que não reproduza a lógica que causa o sofrimento?

Pensar a esperança a partir da psicanálise exige abandonar suas versões mais comuns. Lacan é explícito no *Seminário 21*: “*Não há esperança comum*”. Na análise, a esperança sempre é singular. Em cada caso se encontra (ou não), para o gozo, um destino diferente da morte, o espetáculo ou o silêncio. Este texto procura situar essa esperança singular, não a esperança como ideal coletivo.

No *Seminário 16*, Lacan zomba dos pequenos touros cegos pelo assassinato do pai, dizendo que esse assassinato significa que não é possível matá-lo porque ele “*já está morto desde sempre*”, e, em seguida, agrega que a aspiração revolucinária sempre desemboca “*no discurso do mestre*”. Essa dupla advertência orientou nossa interrogação: o Outro dessa época é o mesmo de hoje?

A adolescência e o Outro que não responde

A adolescência, como conceito psicológico e social, é uma invenção historicamente situada. Em nossa prática cotidiana, a fragilidade simbólica desse conceito (o adolescente não tem um discurso próprio como tal, ele é mais falado pelos adultos do que autoproclamado) contrasta com a ruidosa tormenta das pulsões e os movimentos identificatórios que o caracterizam.

Por outro lado, o estatuto do Outro mudou nas últimas décadas. Os jovens que recebemos geralmente se situam frente a um Outro que não responde: pais desorientados, instituições fragilizadas, saberes substituídos por protocolos ou algoritmos. Os *parents*¹ recorrem ao Google e aos protocolos sanitários porque não sabem como tratar os seus filhos. Assim, a voz do especialista passa a ser determinante, e a internet torna-se o principal recurso orientador. Esse ponto é chave na configuração dos jovens de hoje.

Eles não estão “*soltos do todo*”: não estão plenamente enlaçados ao Outro, mas também não estão desamarrados. Geralmente chegam ao consultório após uma série de *actings* que nenhum Outro alojou. Se o *acting out* é, como observa Lacan, uma transferência selvagem, sem análise, conseguir que a mensagem chegue ao destinatário torna-se um desafio clínico crucial.

Em uma entrevista sobre a Nova Política da Juventude, Miller destaca que hoje os jovens vivem num mundo muito duro e querem um Outro mais amável. A esperança está, então, do lado de um Outro que esteja presente e que seja dócil? Se não há com quem se enlaçar nem há nenhuma oferta do lado do Outro, como haverá esperança?

O tempo suspenso: urgência capitalista e gozo sem limite

Nos consultórios e instituições de diversos países, observamos o quanto o tempo para compreender se mostra esquivo para jovens: entre o instante de ver e o momento de concluir, o lapso necessário para a elaboração tende a desaparecer. Isso deu ao nosso trabalho seu segundo eixo.

Vivemos sob o regime do que Gustavo Dessal chama de “*neoliberalismo tecnodigital*”, uma fase do capitalismo marcada pela tecno-digitalização de todos os aspectos da vida, cujo efeito

¹ Marie-Hélène Brousse propõe “*parentalidade*” como neologismo da atualidade e destaca que o significante *parents*, em inglês, “vem para substituir o pai e a mãe, apagando a realidade remanescente que garantia a sua diferença”.

mais devastador é a eliminação do tempo para compreender. Sem esse tempo, o instante de ver se precipita diretamente em um ato que, desvinculado da palavra, encontra nas plataformas digitais um cenário infinito e imediato.

É um mecanismo que os cruéis “*desafios virais*” trazem à nossa clínica: o *Blackout Challenge*, o *Fire Challenge* e a auto-mutilação filmada seguem a mesma lógica do atalho. O jovem se vê e atua sem que nenhum tempo de elaboração faça mediação. A câmera não registra o ato: o constitui. Ana Lizete Farias tem destacado que a brutalidade não ocorre *apesar da* presença do público, e sim *em função* dela. O sofrimento próprio ou alheio já não é um efeito colateral: ocupa o centro da cena.

Em Florianópolis, alguns jovens de classe média alta torturaram um cachorro muito querido pela comunidade, até matá-lo. A princípio, não havia nisso pretexto algum de exclusão social, senão a mera violência tornada espetáculo frente à câmera. O desamparo contemporâneo não é exclusivo da pobreza, já que sua origem é simbólica, não econômica: a falha de uma lei capaz de organizar o gozo e suscitar o reconhecimento.

Ao que se deve essa transformação? Lacan identificou no discurso capitalista uma operação específica: a forclusão do campo simbólico e, com ela, da castração como limite ao gozo. O resultado não é a liberação do sujeito, mas sua captura em um gozo sem borda, iterativo, solitário e opaco ao sentido, mas que não advém como enigma, não se dirige ao e nem se abre ao desejo. A tecnologia digital provoca, com eficiência crescente, uma solidão paradoxal: os mais conectados estão mais sozinhos em seu gozo.

Por outro lado, Christiane Alberti distingue entre a urgência como imperativo contemporâneo (otimizar cada minuto, atuar rápido como norma social, como valor supremo) e a urgência no sentido analítico, essa que empurra a falar, à satisfação que necessariamente passa pelo Outro. Como disse Lacan: “*Nada há de criado que não apareça na urgência, e nada na urgência que não gere sua superação na fala*”. O jovem contemporâneo se debate entre essas duas urgências. Nesse intervalo (cada vez mais estreito), deve intervir a clínica psicanalítica.

Quando o corpo não é sentido ou só se sente por empréstimo

O terceiro eixo de nossa pesquisa concerne à relação com o corpo. Várias vinhetas clínicas ilustraram a frequência com que os jovens experimentam dificuldades para sustentar seu próprio corpo, já que não o sentem. Os indícios de inconsistência corporal tendem a tomar a forma de ataques de pânico, fobias sociais ou laborais, comportamentos de isolamento, etc. A

impossibilidade de sentir o corpo não depende da estrutura clínica.

O analista deve interrogar qual gozo está em jogo, de que corpo se trata, e o que dá consistência ao corpo. Veremos isso em vinhetas clínicas fornecidas por dois de nós.

1. Se dar valor

Um jovem vendedor ambulante relata dificuldades em se vincular e descreve como *fobia* a ansiedade que lhe suscita o contato social. Só consegue se aproximar de outros e sustentar seu trabalho quando bebe. O álcool, disse, lhe “dá valor”. Associa suas recaídas no consumo a situações nas quais não recebeu o reconhecimento esperado, como quando sua filha, com quem ele tem um relacionamento distante, não lhe agradeceu o dinheiro enviado. Graças ao álcool, não experimenta suas insistentes autorrecriações. Começou a beber aos 14 anos para apaziguar as sensações provocadas pelo abandono da mãe.

A análise permite estabelecer que o uso do álcool não é só um consumo, senão uma tentativa de construir um corpo. Mas esta solução é frágil. Quando o jovem retorna ao tratamento após uma interrupção, há uma piora: agora fuma crack compulsivamente, e isto desfaz as soluções que criavam intervalos entre episódios de consumo, tais como a possibilidade de falar e o narcisismo como fortaleza egóica. Assim, corre o risco de ficar “*solto do todo*”. Perde o trabalho, se afasta de seus vínculos e sente que está “*fora de si*”, sem ponto de apoio.

Esse caso nos mostra o passo que leva de uma suplência que ainda conserva o laço social a uma forma de gozo que impede qualquer amarração. Esse gozo, que não faz sintoma no sentido clássico, se aproxima ao que Miller chama de *gozo do Um*: iterativo, sem direção, indiferente ao sentido. A expressão “*solto do todo*” nomeia esse ponto de risco.

2. Marcas de um analista

Outra vinheta clínica toca o problema do sintoma que, embora não se ligue ao inconsciente, graças à transferência não fica fora da análise e da interpretação. Uma adolescente chega sem interesse em falar, nem em comparecer. Em seu corpo, controlado pelo discurso materno que o avalia e o mortifica, não se manifesta um gozo vivo. O que produz um deslocamento não é uma interpretação clássica, senão um gesto do analista que deixa ver uma tatuagem em seu braço: a jovem ri, e esse riso, aparentemente banal, é um acontecimento clínico decisivo, pois marca a irrupção de um gozo até então ausente, e abre a possibilidade de um laço. A jovem começa a falar de sua relação com a mãe, de sua solidão e de sua dificuldade em se vincular com amigas. O analista lê que o corpo imaginário foi armado em função de seu laço com

diferentes parceiros amorosos (incluído um namorado trans) de cujos corpos toma certas marcas.

Uma interpretação toca sua posição a respeito do gozo e a responsabiliza: ela busca a mãe, convocando-a justamente em virtude do que a desagrada. A partir daí, cria uma nova versão do desejo materno: *Ela me ama, mas não gosta de mim*.

O caso revela que, ainda quando o sintoma não se articule com o inconsciente, algo pode se produzir sob transferência. O desejo do analista introduz uma marca que reanima o corpo e possibilita o trabalho. Trata-se desse gozo situado no corpo e que Lacan, em “A Terceira”, contrapõe ao gozo fálico. É um gozo que a vivifica, enquanto o amor de transferência responde à interpretação.

O contraponto entre ambas as vinhetas mostra que, quando há sintoma, este apresenta sua face de solução caso sustente o corpo mediante uma espécie de júbilo, enquanto que a compulsão e as autorrecriações mortificam.

Os sinais: o sujeito é o que escapa

Talvez o mais decisivo seja o estatuto dos sinais que escapam ao discurso dominante. Nesses jovens capturados por um gozo sem limite, algo ainda insiste. Nesse sinal que escapa ao roteiro, a psicanálise vislumbra uma possível abertura.

3. A lágrima do sicário

Um colega forneceu um material de rara densidade clínica e política. Equador, um país que até recentemente via o fenômeno do sicariato juvenil como algo distante, assistiu ao vivo, por um canal de televisão aberta, ao sequestro protagonizado por jovens armados - um deles adolescente - que, com celulares em mãos, pareciam receber instruções. A cena brutal condensa o que viemos discutir: a voz do Outro dá ordens, o jovem é instrumento de um gozo alheio a ele, e a câmera constitui o ato.

Mas um detalhe escapou à violência geral da cena: um dos jovens, classificado oficialmente como “antissocial-terrorista”, deixou escapar uma lágrima ao se render e ser abraçado pelo jornalista, feito refém, frente aos agentes da ordem. O que significa essa lágrima? Não é por acaso um sinal de um sujeito que invoca uma regulação do gozo que o desumaniza?

Essa pergunta tem um considerável peso clínico e teórico. A lágrima escapa ao roteiro, ao programa do Outro recrutador que - como afirma Mario Elkin Ramírez - opera interrompendo a latência e fazendo das crianças e dos adolescentes “material maleável à serviço da guerra”. O jovem adestrado não deveria chorar. A lágrima é o resto que o adestramento não pôde eliminar, é o sujeito que aparece onde o Outro queria só um instrumento. Nesse ponto de falha do programa, a psicanálise situa uma possível entrada.

4. O medo de ficar sozinha

N., uma jovem de 16 anos, chega porque a mãe se preocupa com seu isolamento digital. Passa horas jogando online e em redes onde a gordofobia, a contagem de calorias e a competição sobre quem sofre mais, organizam a sociabilidade. Entra nesses grupos com o objetivo de “brigar” e sair tomada pelo que ali ocorre, sem saber como.

Mas um detalhe se sobressai: N. participa de uma conversação que não termina há mais de 800 horas. Ali conheceu seu namorado atual e sua melhor amiga. Quando irrompeu uma briga com esses amigos virtuais, algo mudou no *setting*. N. aceitou tomar a palavra para nomear o que lhe ocorreu: não a dependência digital, senão o medo de ficar sozinha, o mesmo medo que tinha anos antes das redes. A virtualidade era um artifício para afrontar seu problema, que é a solidão.

5. O pensamento de ser conhecido

Um pensamento se impõe obsessivamente a F., de 14 anos: não encontra a maneira de “*ser conhecido*”. Isso tenta tratar algo que ocorre no corpo: a puberdade, o enigma do Outro sexo, a questão de como e quando falar com uma garota. Inscreveu-se em um grupo de WhatsApp com mais de mil participantes, mas onde só os administradores podem enviar mensagens, enquanto os demais permanecem anônimos, ocultos atrás da tela. A estrutura do grupo é quase uma metáfora: vozes sem sujeito, massa sem fala, presença sem orientação. A análise buscou o inverso: dar a F. uma direção, fazer com que sua pergunta encontre um destinatário. Seu caso ilustra claramente que o analista possibilita o direcionamento que o gozo solitário das redes havia suspenso.

6. Che vuoi?

Aos 22 anos, C. beijou pela primeira vez alguém de seu mesmo sexo. Ela não apresenta isso como uma escolha: foi muito mais um “empurrão” do grupo ao qual pertencia, coincidindo com uma ruptura amorosa com um garoto que a havia considerado descartável, como alguém

a quem ninguém quererá. A análise não recebeu uma identidade sexual a confirmar ou rebater, e sim, uma pergunta: o que ela quer, mais além do que o grupo quer para ela?

Em sua diversidade, os casos 4-6 compartilham uma estrutura. O analista não oferece esperança como um bem, um consolo ou um programa; por sua posição, possibilita ao sujeito construir a sua. Em todos esses casos, introduz-se uma orientação em direção ao Outro, aquela que o gozo solitário havia suspenso.

Amor, sexualidade e *impasse* estrutural

Isso põe em primeiro plano as novas formas de laço amoroso. Intercambiar experiências clínicas em diferentes contextos latinoamericanos nos revelou a onipresença das relações abertas, o poliamor e as múltiplas identificações de gênero que aparecem com frequência crescente nas sessões. Sob transferência, elas evidenciam a persistência do *impasse* estrutural formulado por Lacan como “*não há relação sexual*”. A flexibilização das normas não elimina esse *impasse*. Em muitos casos, permite contorná-lo, mas mantendo ao sujeito confrontado com o mesmo ponto de impossibilidade. Para o analista, a porta de entrada são os modos de se virar com a não-relação sexual, mais além das declarações identitárias.

A migração é outro fator que incide com peso na juventude, sob a forma das marcas do desarraigamento, a desarticulação dos laços familiares, e a tentativa de redimensionar as consequências desses movimentos que afetam a ideia de futuro, a situação social e a inserção profissional.

Sem saída, violência e suicídio

No Brasil, a terceira causa de mortalidade entre jovens de 15 a 29 anos é o suicídio. Para isso, propomos uma chave de leitura que articula o singular e o social em função dos efeitos subjetivos do discurso do mestre contemporâneo. Assim, o suicídio não é só o ato de um indivíduo desesperado: é também efeito de uma máquina discursiva que deixa o sujeito sem saída. O jovem que não alcança o ideal meritocrático promovido pelo discurso dominante encontra, além do fracasso, a posição de resto. E, quando o *cancelamento social* antecipa o *cancelamento de si*, o ato suicida emerge como solução de uma conjuntura impossível.

A brutalidade que tem jovens como vítimas ou perpetradores possui a mesma estrutura dos desafios virais: câmera, público, desavergonha. Lacan (1969-70/1992) havia ressaltado que já não há vergonha em relação ao gozo, pois o regime o exhibe: *Vejam como eles gozam*; e Miller (2004) comenta esse imperativo da época dizendo que o olhar, longe de envergonhar, convida o espectador a também gozar: o que antes exigia ocultamento, agora busca audiência.

As “*irmandades de gozo*”, que recrutam jovens para atos violentos, funcionam segundo a lógica que Lacan descreveu: se o Outro falha como alteridade, se intensifica a identificação horizontal em grupos cujo laço se sustenta pela expulsão radical do diferente. Os jovens que se sentem excluídos do banquete meritocrático encontram nessas irmandades um lugar, um pertencimento, uma identidade, ainda que construída sobre o sofrimento do outro.

Posição do analista: presença, tempo e esperança

A pergunta clínica fundamental é: como dirigir a cura de jovens que chegam tomados por essa urgência sem palavra, por esse gozo sem limite, por esse mal-estar que geralmente não sabe dizer seu nome? Oferecendo presença e tempo sob duas modalidades muito precisas.

O trabalho com esses jovens exige do analista uma presença constante, não fugaz, que dê corpo a um Outro capaz de responder. Lacan nos dá uma chave para isso: em 1974, ele não pergunta aos jovens o que esperam do futuro, senão que deposita sua esperança neles, e sua astúcia consiste em abordá-los com essa peculiar docilidade, sem responder do lugar do discurso do mestre.

Em relação ao tempo, o analista instaura a série das sessões onde antes só estava a urgência do ato, e assim introduz um intervalo. Essa sensível formulação de Alberti tem consequências clínicas decisivas. A questão é abrir, entre o instante de ver e o momento de concluir, esse tempo para compreender que o discurso tecnodigital elimina sistematicamente.

A essas duas propostas soma-se uma exigente condição para o analista: se deixar afetar pelo que o jovem traz, não mediante uma cumplicidade irrefletida, mas fazendo da escuta analítica uma forma de esperança em ato. Depositar nos jovens essa esperança não exime o analista de manter sua capacidade de ser surpreendido, de não saber de antemão, de consentir na contingência do encontro.

Concluimos com essa disponibilidade, não uma técnica ou um protocolo qualquer, é a condição para a esperança na clínica com jovens: o analista deve transformar a desesperança em uma

aposta de que o analisando encontrará uma saída e, para isso, deve despertá-lo da urgência do presente. Isso não é negar o sofrimento; é introduzir a dimensão do tempo, a possibilidade de algo que ainda não ocorreu, do qual o sujeito não seja apenas o que o discurso dominante diz o que ele é.

Conclusão: a esperança como resto operante

Liberamos da noção de esperança toda conotação idealista. Não é uma esperança no futuro nem uma confiança na juventude como tal. Na psicanálise, só cabe pensá-la como um efeito singular.

Todas as nossas vinhetas clínicas mostram um trabalho de orientação. Isso possibilita a palavra. E, como ensina Lacan, assim a urgência pode gerar sua superação.

A esperança analítica não é uma promessa: é uma estrutura. Não se sustenta no otimismo do analista, mas sim na aposta de que o sujeito, até o mais esmagado pelo gozo, conserva um resto que o programa do Outro não absorve. Lacan depositou sua esperança nos jovens por reconhecer neles um ponto de indeterminação no qual o discurso segue em aberto.

Miller recorda, com Valéry, que a psicanálise inaugurou uma via na história do pensamento: contra a salvação pelos ideais (saúde, virtude, norma, projeto), Freud criou a salvação pelos dejetos (sonho, lapso, sintoma). Nesse resto que não encaixa, a psicanálise encontra a verdade do sujeito. Essa fórmula adquire uma ressonância particular na América Latina, onde os “*dejetos*” não são só as formações do inconsciente, mas também os corpos que a colonização declarou descartáveis.

“*Nada criado que não apareça na urgência, nada na urgência que não engendre a sua superação na palavra*”. Essa frase de Lacan aponta ao fundamento último do que aqui chamamos *esperança*. A clínica analítica com jovens aposta que essa possibilidade encontre um destinatário e que este - o analista de carne e osso, presente no encontro dos corpos - seja o companheiro que, desde sempre, a urgência buscava.

Tradução: Nelson Matheus Silva.

Revisão: Mariana Vidigal

Referências

Alberti, C. “*Placa Sensible*”. In: Mondo - Carta del Presidente, Edición 3. Link:

<https://mondodispatch.com/es/2023/12/11/placa-sensible/>

– “*Siempre un poco rinoceronte*”. *Virtualia*, 45, 2025.

– “*Urgencia y satisfacción*”. *Curinga*, 48, 2019.

Brousse, M.-H. *Un neologismo de la actualidad: La parentalidad*. In: Carretel N° 12. Barcelona. Abril 2014.

Dessal, G. “*La anulación del tiempo para comprender y el rechazo de la castración, nuevo tiempo civilizatorio*”. Entrevista disponible online em:

<https://www.youtube.com/watch?v=06QiEW0ZArM&t=1043s>

Lacan, J. “*Del discurso psicoanalítico*”. Conferencia en Milán (1972). Inédito.

– *El Seminario, libro 16: De un Otro al otro*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

– *El Seminario, libro 17: El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 1992.

– *El Seminario, libro 21: “Les non-dupes errent”*. Inédito.

– “*Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis*”. *Escritos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

– *Hablo a las paredes*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

Miller, J-A. “*Entrevista a Jacques-Alain Miller por El Caldero de la Escuela*”. In: El Caldero de la Escuela, N. 32, Buenos Aires: Grama, p. 3-4.

– *Los usos del lapso*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

- Sobre a vergonha e a honra. Em: *Ornicar*, n1. pp.118-151, 2004.

Ramírez, M. E. “*La interrupción de la latencia como estrategia de guerra*” en AA.VV., *Apuestas por la vida*, Bogotá, 2022.

Veras, M. *A morte de si*. São Paulo: Cult Editora, 2023.